Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Os contos de fadas, esses nossos (des)conhecidos: o protagonismo feminino no processo de constituição do gênero

Los cuentos de hadas, esos nuestros (des)conocidos: el protagonismo femenino en el proceso de constitución del género

Dulciene Amparo dos Anjos[*]
Graduada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Inglês, com mestrado e doutorado em Educação realizados na Universidade Federal da Bahia. É professora adjunta vinculada ao Departamento de Linguística, Literatura e Artes no campus II da Universidade do Estado da Bahia, em Alagoinhas, Bahia.
https://orcid.org/0000-0002-7388-5458

Recebido em: 04 mar. 2026. **Aprovado** em: 16 out. 2026.

Como citar este artigo:
ANJOS, Dulciene. Os contos de fadas, esses nossos (des)conhecidos: o protagonismo feminino no processo de constituição do gênero. *Revista Letras Raras.* Campina Grande, v. 15, n. 1, e7419, nov. 2026. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.24044668.

RESUMO
Este artigo se propõe a investigar o protagonismo d'As Preciosas, escritoras francesas do século XVII, na gênese do conto de fadas enquanto gênero literário transliterado para a escrita, bem como analisar os mecanismos históricos que resultaram em seu sistemático apagamento da cena social e literária do Grande Século, na França. Trata-se de um estudo bibliográfico fundamentado na História das Mulheres e na Crítica Feminista que busca compreender o contexto cultural dos Salões Literários parisienses - espaços de sociabilidade intelectual inaugurados por mulheres da aristocracia que testemunharam a *moda dos contos de fadas* - no protagonismo autoral feminino do gênero. Ancorando-se nas diferenças estilísticas e ideológicas que marcam as autorias conforme o gênero dos escritores, destaca como as autoras francesas, ao apresentarem representações do feminino que muitas vezes rompem certos estereótipos de fragilidade e passividade femininas recorrentes na autoria masculina, figuraram como protofeministas em pleno Antigo Regime. Por fim, após investigar os fatores que contribuíram para a invisibilização dessas escritoras, o artigo celebra sua redescoberta pela Crítica Feminista do século XX como um ato de restituição histórica e justiça epistêmica que devolve à memória cultural as vozes silenciadas que nos contam uma outra história dos contos de fadas do século XVII.
PALAVRAS-CHAVE: As Preciosas; Contos de fadas; Autoria feminina; Crítica feminista.

[*] ddulciene@yahoo.com.br

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

RESUMEN

Este artículo se propone investigar el protagonismo de Les Précieuses, escritoras francesas del siglo XVII, en la génesis del cuento de hadas como género literario transpuesto a la escritura, así como analizar los mecanismos históricos que condujeron a su sistemático borrado de la escena social y literaria de la Francia del Gran Siglo. Se trata de un estudio bibliográfico fundamentado en la Historia de las Mujeres y en la Crítica Feminista, que busca comprender la influencia del contexto cultural de los salones literarios parisinos - espacios de sociabilidad intelectual inaugurados por mujeres de la aristocracia que fueron testigos de la 'moda de los cuentos de hadas' - en el protagonismo autoral femenino dentro de este género. A partir de las diferencias estilísticas e ideológicas que caracterizan las autorías según el género de quienes escriben, el artículo destaca cómo las escritoras francesas, al presentar representaciones de lo femenino que a menudo rompen con ciertos estereotipos de fragilidad y pasividad femeninas recurrentes en las obras de autoría masculina, se erigieron en figuras protofeministas en pleno Antiguo Régimen. Por último, tras investigar los factores que contribuyeron a la invisibilización de estas escritoras, el artículo celebra su redescubrimiento por parte de la Crítica Feminista del siglo XX como un acto de restitución histórica y justicia epistémica que devuelve a la memoria cultural las voces silenciadas que nos cuentan otra historia de los cuentos de hadas del siglo XVII.

PALABRAS CLAVE: *Les Précieuses; cuentos de hadas; autoría femenina; crítica feminista.*

1 Introdução

A história das mulheres, desde o advento do patriarcalismo, é marcada por uma trajetória de discriminação e opressão. Enquanto sistema de poder cujas raízes remontam à organização das sociedades agrícolas, o patriarcalismo estrutura-se sobre um discurso essencialista que, recorrendo às diferenças biológicas entre os sexos, justificou a subordinação do feminino e a fixação de papéis sociais tradicionais, confinando as mulheres ao espaço privado do lar sob o argumento de qualidades *naturais* ligadas à maternidade. Consequentemente, os espaços público, político, cultural, científico e artístico foram historicamente reservados aos homens, em um processo que silenciou, excluiu e subjugou as mulheres, colocando em permanente suspeita a sua capacidade intelectual. Essa dominação masculina perpetuou-se ao longo dos séculos por meio de instituições como a família, as religiões e os ordenamentos jurídico-políticos (Lerner, 2019; Saffioti, 2015).

No campo das narrativas históricas e literárias, a dominação patriarcal produziu dois efeitos principais: a invisibilidade e a estereotipação das mulheres. A primeira derivou da atribuição *natural* (e, por vezes, idealizada) do silêncio como um atributo feminino - dinâmica que Michelle Perrot (2019) denuncia quando assinala que a história das mulheres é uma história do silêncio. A segunda, por sua vez, consistiu na difusão de estereótipos que marcam de modo diferenciado e hierárquico as personagens femininas e masculinas. Essa construção narrativa contribuiu decisivamente para fixar no imaginário social representações de gênero alinhadas à ideologia da

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

dominação masculina, consolidando arquétipos que naturalizam a passividade e a subordinação femininas.

Entretanto, a imposição patriarcal jamais logrou uma submissão absoluta. Tedeschi (2016, p. 155) destaca que, ao longo da história, "o discurso hegemônico do patriarcalismo não conseguiu abafar determinadas vozes, principalmente de algumas mulheres insatisfeitas com o rótulo de 'segundo sexo' e que, por isso, não se submeteram à subordinação". Ora, muito antes da consolidação do feminismo como movimento organizado, registraram-se inúmeras manifestações de resistência que podem ser compreendidas como intervenções protofeministas. Essas ações pontuam a recusa de mulheres de diferentes culturas e épocas em aceitar passivamente a condição de inferioridade que lhes era atribuída.

Num contexto de segregação em que os papéis sociais atribuídos ao feminino se limitavam às funções domésticas e o acesso ao saber era restrito, sob o pretexto de preservar a felicidade e a sanidade das mulheres, a Querela das Mulheres (séculos XIV e XV) emergiu como um debate fundamental. Suas participantes defendiam a igualdade intelectual, o acesso feminino ao conhecimento e o direito à palavra pública, refutando a tradição misógina literária e teológica que associava as mulheres à luxúria, à fragilidade moral e à responsabilidade pelo pecado original. Reivindicavam, assim, a criação de uma contranarrativa histórica que evidenciasse as contribuições e virtudes das mulheres ao longo dos séculos, posicionando-se como precursoras da crítica literária feminista revisionista.

As ideias forjadas nessa Querela encontraram no século XVII uma expressão singular por meio das *salonnières* francesas, também conhecidas como *As Preciosas*. Herdeiras desse debate, essas mulheres da corte de Luís XIV converteram-no em ação prática ao inaugurar os Salões Literários parisienses. Nesses espaços, conquistaram protagonismo social e cultural ímpar e exerceram papel fundamental na gênese de gêneros literários como o romance moderno e, especialmente, o conto de fadas, até então veiculado apenas na tradição oral e por elas transliterado[1] e assim denominado pela primeira vez.

[1] O termo *transliterado* é aqui empregado no sentido de transposição da tradição oral para a modalidade escrita - e não no sentido estrito de conversão entre sistemas de escrita. A escolha pelo termo em substituição a contos de fadas *literários* visa evitar a sugestão de que apenas os textos escritos sejam considerados literários, uma vez que, em sua forma oral, os contos populares já eram manifestações literárias legítimas.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A despeito de seu eminente papel na consolidação dos contos de fadas na literatura escrita - como autoras majoritárias e patronas culturais desse gênero emergente -, essas mulheres foram invisibilizadas pela historiografia literária tradicional. Como resultado, as versões dos contos de fadas que permaneceram registradas em nosso imaginário são de autoria masculina: de Charles Perrault, dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, e de Hans Christian Andersen - esses últimos já no século XIX. Da vasta produção feminina, apenas *A Bela e a Fera*, na versão Madame de Beaumont, logrou integrar as listas e coletâneas dos contos mais difundidos no mundo.

Com o advento da Crítica Feminista, herdeira direta dos movimentos dos anos 1960 e 1970, foi inaugurado o trabalho de resgate e reavaliação dessa tradição silenciada. Para além da análise das representações da mulher, a Crítica Feminista tem-se dedicado à (re)descoberta, revisão e (re)escritura de uma nova história literária, num esforço que visa recuperar textos de autoria feminina apagados e reavaliar a imagem da mulher na literatura, conferindo visibilidade a vozes historicamente silenciadas pelo patriarcalismo.

Ancorado nesse contexto de revisão crítica, este estudo se propõe a situar a participação fundamental das *salonnières* na gênese dos contos de fadas escritos, bem como compreender os fatores que contribuíram para seu eclipse na historiografia literária. Para tal, realizará, inicialmente, uma contextualização da sociedade francesa do século XVII, elucidando as condições que permitiram a emergência d'As Preciosas. Em seguida, após examinar diferenças estilísticas entre a produção feérica de autores de gênero masculino e feminino do século XVII, investigará os motivos que conduziram ao apagamento histórico d'As Preciosas e sua contística, propondo um redimensionamento de sua centralidade na tradição dos contos de fadas.

2 Os Salões Literários, berço dos contos de fadas: o século XVII e o papel d'As Preciosas na emergência do gênero

O protagonismo d'As Preciosas na criação do conto de fadas transliterado foi a culminação de um processo histórico e cultural complexo que dialoga com três fatores: as transformações da corte francesa num polo civilizador; os desdobramentos da Querela das Mulheres (cujos debates impulsionaram o anseio feminino por novas agências que possibilitassem o acesso à instrução e

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

ao conhecimento socialmente produzido, de que eram alijadas); e o surgimento de espaços alternativos de poder intelectual.

A partir de meados do século XVI, sob o reinado de Francisco I, deu-se início a um projeto político-cultural de converter a corte francesa num centro urbano de refinamento, uma alternativa educativa aos conventos e universidades. Nesse projeto, a participação feminina foi estrategicamente convocada: acreditava-se que um convívio social híbrido, que incluísse mulheres da nobreza, seria essencial para refinar os hábitos e comportamentos da aristocracia masculina, considerados rudes. Ainda que de forma tímida, essa iniciativa inaugurou uma nova perspectiva da condição social e cultural feminina na corte francesa, antes restrita quase exclusivamente ao ambiente doméstico (Chaumeton, 1998 *apud* Berndt, 2021).

Tal abertura, porém, mostrou-se profundamente contraditória, inclusive durante o reinado de Luís XIV, sucessor de Francisco I. Se, no reinado do Rei-Sol, a corte atingiu seu apogeu como o mais potente centro político e cultural da Europa, tal efervescência paradoxalmente coexistia com as rígidas hierarquias sociais que ainda marginalizavam intelectualmente as mulheres, em total conformidade com a ideologia patriarcal. Como esclarece Gethner (1999b *apud* Berndt, 2021), no cerimonial oficial da corte, o protagonismo feminino continuava restrito às funções de decoração e entretenimento, permanecendo as mulheres alijadas dos debates intelectuais, artísticos e políticos centrais. As instituições formais de saber também permaneciam herméticas: Garcia (2015 *apud* Berndt, 2021) e Zechlinski (2015) assinalam que, fundada em 1635, a Academia Francesa, que estabeleceria novos padrões para a língua e para a literatura francesa, não permitia a participação das mulheres, um reflexo da exclusão que sofriam por parte das instituições oficiais daquela época.

Diante dessa dupla interdição - uma corte que as valorizava como ornamentos e instituições que as barravam -, mulheres da aristocracia desenvolveram estratégias paralelas de aprendizado, complementando sua educação com o apoio de preceptores particulares que lhes ensinavam francês culto, história, filosofia, literatura, música e, em casos excepcionais, ciências (Zechlinski, 2015; Berndt, 2021). Esse investimento as habilitou para a conversação culta, uma das poucas formas de exercício intelectual reconhecidas para uma mulher.

Dessa conjunção - a exclusão da esfera oficial e a aquisição de uma erudição que não encontrava espaço para expressar-se - nasceu uma iniciativa transformadora: a fundação de

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Salões Literários nas residências particulares. Insatisfeitas com seu papel decorativo, mulheres como a Marquesa de Rambouillet, a pioneira dos Salões Literários, começaram a promover encontros privados em seus *hôtels* parisienses. Como assinala Zipes (2012, p. 24, tradução nossa), "esses salões privados lhes ofereciam a oportunidade de atuar e demonstrar seu talento único numa época em que tinham poucos privilégios na esfera pública"[2]. Frequentados por um público misto de homens e mulheres os Salões consolidaram-se como espaços de educação informal e colaborativa, onde as mulheres podiam instruir-se e socializar longe da repressão misógina. Simultaneamente, escritores, filósofos e artistas masculinos encontravam ali um público atento e influente, o que tornava os Salões um centro de poder cultural paralelo (Berndt, 2021; Zechlinski, 2015, 2019).

Os Salões Literários cultivavam um ambiente de lazer intelectual no qual música, dança, jogos, leituras em voz alta e, sobretudo, a arte de contar histórias eram atividades centrais. Dentre essas atividades, destacava-se o *Jogo do Romance*, uma dinâmica lúdica que propunha continuar uma narrativa ou criá-la a partir de palavras desconectadas. Funcionando como motor criativo, esse jogo foi o ponto de partida de muitos enredos do romance moderno, propiciando que contos populares fossem reelaborados e apreciados, estabelecendo-se uma ponte entre a herança popular e a cultura letrada aristocrática. Foi nesse ambiente que, pela primeira vez, se ouviu a denominação *contos de fadas*, graças à inventividade da condessa Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, a Madame D'Aulnoy, talvez a *salonnière* que mais tenha impactado o movimento da *moda das fadas* nos Salões, e considerada uma de suas mais prolíficas representantes. Conforme Zipes (2012, p. 23, tradução nossa):

> A característica mais marcante do período fundamental mais importante do conto de fadas literário na Europa, 1690-1710, foi a dominação das fadas nos textos franceses. Até este ponto, o conto de fadas literário não era considerado um gênero e não tinha um nome. Era simplesmente um *conte, cunto, cuento, skazka*, história, *Märchen* e assim por diante. Nenhum escritor rotulou seu conto impresso até D'Aulnoy criar o termo para seu conto de fadas (ZIPES 2012, p. 23, tradução nossa).[3]

[2] "These private salons afforded them the opportunity to perform and demonstrate their unique prowess at a time when they had few privileges in the public sphere".

[3] "The most striking feature of the most important foundational period of the literary fairy tale in Europe, 1690 to 1710, was the domination of fairies in the French texts. Up until this point, the literary fairy tale was not considered a genre

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Personalidade polêmica para a sociedade francesa, Madame D'Aulnoy inaugurou um dos Salões Literários mais apreciados da época, onde cultivava um costume interessante: recitar contos de fadas. Em 1690, publicou *L'Île de la Félicité* (*A Ilha da Felicidade*), considerada pela literatura especializada o primeiro conto de fadas transliterado, contido na segunda parte de seu romance *Histoire d'Hypolite, comte de Duglas*. Para Backscheider (2013 *apud* Ribeiro Filho, 2021), o caráter inovador do conto reside em sua extensão, complexidade, intertextualidade e no conflito psicológico movido por dilema emocional, refletindo a sensibilidade cultivada nos Salões.

Em 1697, publica, em quatro tomos, a primeira edição de seus *Contos de Fadas*, a primeira obra que efetivamente recebeu este título. Além dela, outras *salonnières* teriam também contribuído para a difusão da *moda dos contos de fadas*: Charlotte-Rose de Caumont de La Force (1654-1724), Marie-Jeanne L'Héritier de Villandon, sobrinha de Charles Perrault (1664-1734), Catherine Bernard (1662-1712), Henriette-Julie de Castelnau de Murat (1670-1716), Marie-Madeleine de Lubert (1702-1785) e Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711-1780) - esta última pertencente à geração posterior, cuja versão de *A Bela e a Fera* (1756) se tornou a mais famosa[4]. Essas e outras aristocratas ficaram conhecidas como As Preciosas, alcunha que lhes fora atribuída em função do Preciosismo, movimento cultural e literário que floresceu nos Salões entre 1650 e 1660. Mais que estilo literário, o Preciosismo era um projeto sociocultural marcado pela busca de refinamento extremo na linguagem e nos costumes, intrinsecamente relacionado ao protagonismo feminino.

Recorrendo a Sophie Raynard (1999), Ribeiro Filho (2021) esclarece que "apenas quatro homens teriam contribuído com essa cultura dos contos de fadas nos dez anos de voga da preciosidade e da galanteria: Charles Perrault (1628-1703), François Nodot (1650-1710), Jean de Préchac (1647-1720) e Louis de Mailly (1657?-1724)". Dentre eles, Charles Perrault foi o que alcançou maior notoriedade. Assíduo frequentador dos Salões Literários antes de ser eleito para a Academia Francesa, em 1671, Perrault eternizou-se na história da literatura, que lhe concedeu

and did not have a name. It was simply a *conte, cunto, cuento, skazka*, story, *Märchen* and so on. No writer labeled his or her tale in print until D'Aulnoy created the term for her tale a fairy".

[4] A versão anterior de *A Bela e a Fera* foi escrita por Gabrielle-Suzanne de Villeneuve e publicada em 1740. A versão de Madame de Beaumont, publicada em 1756, é uma adaptação condensada do texto de Villeneuve, e tornou-se a mais difundida.

Revista Letras Raras

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

o epíteto de *pioneiro* e *pai dos contos de fadas* - ainda que seu legado tenha se limitado a apenas onze contos, contrastando com o enorme acervo produzido pelas Preciosas. Warner (1999, p. 14-15) observa:

> Aos olhos da posteridade, Charles Perrault figurou como pioneiro, o mais famoso narrador de contos de fadas. Mas foi um escritor entre um grande número de escritoras, que em muitos casos até o precederam. *Le Cabinet des Fées*, série de 41 volumes, inclui mais de vinte autores; entre estes, mais da metade são mulheres (WARNER, 1999, p. 14-15).

Seus contos eram influenciados tanto pelo mundo oficial da Academia Francesa quanto pela liberdade imaginativa cultivada nos Salões. Um gesto significativo dessa dupla inserção ocorreu em 1695, quando, ao invés de recorrer a um editor, apresentou seus contos à princesa *salonnière* Élisabeth-Charlotte d'Orléans, a Mademoiselle de Chartres, sobrinha do rei. Esse manuscrito, com dedicatória à jovem princesa, continha as primeiras versões dos contos compilados em *Contes de ma Mère l'Oye* (*Contos da Mamãe Gansa*) (1697).

Sua participação singular na Querela dos Antigos e dos Modernos (1687-1694) foi fundamental para que As Preciosas galgassem a escrita autoral. Nessa querela, duas visões acerca da tradição literária se antagonizavam: por um lado, e liderados por Nicolas Boileau, estavam os Antigos, que defendiam que o verdadeiro cânone deveria ser composto exclusivamente pelos autores greco-romanos, de modo que aos escritores contemporâneos caberia imitar e comprovar sua herança cultural clássica. Por outro, e desta vez tendo como expoente o próprio Perrault, estavam os Modernos, defensores de que o cânone deveria ser a expressão da literatura nacional francesa, valorizando a língua vernácula, a inovação e a individualidade criativa. Nas palavras de Zechlinski (2015, pp. 7-8):

> Do ponto de vista dos Antigos, o que denominamos de cânone literário só poderia ser composto exclusivamente por autores da Antiguidade. [...] Somente os autores da Antiguidade poderiam ser considerados os "grandes"; os bons escritores contemporâneos eram aqueles que saberiam comprovar a herança cultural que os franceses traziam da Antiguidade. [...] Já para os Modernos o cânone era a expressão da literatura nacional, isto é, deveria ser composto por autores franceses que representavam a diferença da França em relação às demais nações (expressa pelo conceito de cultura). [...] Os Modernos costumavam enfatizar a importância da recriação literária [...] [e] eram por eles considerados bons autores os autores modernos que inovavam

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> e os que questionavam [...] [guardando-se] um espaço importante para a criação individual (ZECHLINSKI, 2015, pp. 7-8).

Sem a instrumentalização especializada para realizar e publicar obras de análise sobre autores da Antiguidade, As Preciosas não preenchiam absolutamente a expectativa dos Antigos. Porém, ao se dedicarem à escrita do francês moderno como veículo de expressão literária de valor estético, alinhavam-se com o projeto de emancipação cultural defendido pelos Modernos, sendo consagradas como agentes de legitimação de um cânone francês alternativo (Zechlinski, 2015; 2019). Beasley (2006 *apud* Zechlinski, 2015) destaca que, além de ocuparem um espaço de grande expressão como autoras, essas aristocratas destacavam-se também como profícuas críticas literárias e árbitras do gosto. Os Salões funcionavam como um sistema de consagração paralelo às instituições oficiais exclusivamente masculinas, no qual o coletivo dessas mulheres detinha autoridade para definir o que era *boa literatura*. Por extensão, legitimar a produção literária naquele momento era algo que passava também por seu julgamento.

Assim, o solo fértil dos Salões Literários Franceses do século XVII foi uma oficina de transformação cultural, cuidadosamente gerida por mulheres. À frente desse processo, As Preciosas arquitetaram um espaço alternativo de legitimação intelectual. Foi nesse ambiente singular, onde a conversação culta e o refinamento linguístico eram moeda de troca, que a civilização ocidental pôde testemunhar dois fenômenos fundadores: a inauguração do primeiro cânone literário francês moderno - um cânone que, em suas primeiras antologias, surpreendentemente incluía autoras - e a explosão criativa de gêneros emergentes, entre eles o conto de fadas.

Essa coexistência de produções de autoria feminina e masculina na formação da tradição escrita do gênero estava, porém, longe de corresponder a estilos equivalentes. Ao contrário, as obras que emergiram desse fértil caldo cultural revelam diferenças estilísticas e ideológicas profundas quanto ao gênero de seus autores - diferenças essas que serão examinadas a seguir.

3 Contos de fadas de autoria feminina e masculina no século XVII: diferenças estilísticas

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

O estudo comparativo das produções de Perrault e d'As Preciosas permite identificar elementos que contrapõem o estilo dos autores dos gêneros feminino e masculino. Nos contos d'As Preciosas, o que logo chama a atenção é a sua extensão: seus contos são longos, devido às várias peripécias que ocorrem no decorrer da narrativa, de modo que muitas vezes podem ser classificados como novelas. Em suas tramas, de estrutura complexa, evidencia-se um entrelaçamento do enredo principal com histórias secundárias de outros personagens, o que dá ensejo à criação de uma rede de núcleos narrativos interligados (Passos, 2020).

Ao se referir à extensão dos contos de Madame D'Aulnoy - o que é extensivo à produção de outras Preciosas -, Schacker (2015 *apud* Ribeiro Filho, 2021, p. 7) assinala que, aos olhos modernos, seus contos podem parecer longos e complexos, mas representam o que se considerava conto de fadas à época: narrativas de paisagem fantástica onde os personagens enfrentam desafios sociais, servindo ao mesmo tempo como entretenimento para adultos e provocação intelectual.

Conforme Passos (2020, p. 30), uma característica peculiar diferencia os contos de Perrault, o mais conhecido autor do gênero masculino, dos contos de fadas de autoria feminina: As Preciosas, ao invés de seguirem uma tendência moralizante, imprimem um tom de crítica à sociedade da época, impregnando seus textos com denúncias ao comportamento social. Em várias passagens, inclusive, recorrem a um narrador reflexivo que renuncia ao moralismo em favor da exposição de um pensamento crítico, sempre com humor e ironias.

Perrault, ao contrário, utilizou uma linguagem ao mesmo tempo simples, como a dos narradores populares, e literariamente trabalhada para que o prazer da leitura facilitasse a recepção da mensagem. No prefácio, afirma que seus contos "encerram uma moral útil, e o estilo agradável com que eles foram contados foi a forma escolhida para fazê-los entrar suavemente no espírito, de maneira a instruir e divertir ao mesmo tempo". Ao final de cada conto, como uma lição conclusiva, em tom direto e didático, Perrault adicionou uma moral, deixando explícita sua intenção de utilizar a literatura como um instrumento que ajudasse na formação de seus leitores (e sobretudo leitoras!), ensinando regras de comportamento social que consolidassem valores da burguesia. Martins (2015, p. 22) destaca:

> Nas mãos de Perrault, os contos populares perderam muitas vezes o seu colorido original erótico e satírico, tornando-se fontes de lições morais bastante

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> claras e instrumentos de transmissão de padrões e expectativas de comportamentos masculinos e femininos, definidos dentro de moldes nitidamente patriarcais (MARTINS, 2015, p. 22).

Em direção oposta, os contos d'As Preciosas articulam um projeto narrativo cujas heroínas - figuras ativas, guerreiras e de inteligência estratégica - confrontam as vicissitudes da vida. Essa representação do feminino mostra-se intrinsecamente ligada à crítica social expressa em seus enredos, que denunciam o descontentamento com a condição e o sentimento de opressão face aos casamentos arranjados e forçados a que eram submetidas (Passos, 2020).

Se, por um lado, Perrault havia se mostrado um apoiador do projeto cultural das Preciosas enquanto agentes culturais e símbolos do moderno, por outro, paradoxalmente, suas morais assinalavam que seu apoio era condicional, uma vez que reforçava a obediência e a passividade como as virtudes máximas para as mulheres. Essa contradição se materializa na própria estrutura e conteúdo de seus contos, já que, como assinala Zipes (2023), seus contos dirigidos a heroínas (como *Cinderela*, *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*) promovem o ideal feminino de passividade e submissão, no qual a virtude máxima é a paciência para esperar o casamento: "a tarefa com que o modelo feminino de Perrault foi confrontado é mostrar discrição e paciência; isto é, ela deve ser passiva até que o homem certo apareça, reconheça suas virtudes e se case com ela. Ela vive apenas por meio dos homens e para o casamento. O homem age, a mulher espera" (p.30). Já os seus contos com protagonistas masculinos (*O Gato de Botas*, *O Pequeno Polegar*) celebram astúcia e ação, recompensando os heróis com ascensão social.

Para Zipes (2012), em uma perspectiva diametralmente oposta a Perrault, as Preciosas utilizaram os contos de fadas para fins subversivos: “[seus contos] eram programas de ação ou atos simbólicos sociais que projetavam conflitos morais e éticos em mundos alternativos" (p. 24, tradução nossa) e “explicitavam novos e diversos padrões de comportamento que pretendiam transformar a relação entre homens e mulheres [...] (p.25, tradução nossa)"[5], operando uma espécie de subversão que demonstrava o potencial do gênero como ferramenta de crítica social

[5] “[these women's] tales were programs of action or social symbolic acts projecting moral and ethical conflicts in alternative worlds" (p. 24); "[their] tales spelled out new diverse standards of behavior that were intended to transform the relationship between men and women, primarily of the upper classes" (p. 25).

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

e imaginação utópica. Assim, longe de serem apenas entretenimento inocente, os contos de fadas eram um campo de batalha ideológico onde visões de mundo concorrentes aparecem negociadas.

Neste sentido, o trabalho de Perrault consistiu em capturar a energia inovadora do movimento feminino e canalizá-la para um fim socialmente conservador e pedagogicamente útil à nova ordem burguesa - sem, contudo, romper com os estigmas impostos pelo patriarcalismo. Ao contrário, as personagens femininas d'As Preciosas são apresentadas como destemidas e corajosas, prescindindo do resgate do herói masculino para salvá-las. Porém, mesmo quando o conto se volta mais à mulher guerreira e independente, o tema recorrente de suas narrativas é *o amor* (Passos, 2020).

Aqui importa destacar que, assim como ocorre nas narrativas de seu contemporâneo, também nas narrativas das *salonnières* podemos observar um direcionamento das personagens femininas ao matrimônio enquanto destino: o desfecho clássico, que recorre ao casamento feliz, aponta o casamento como o caminho socialmente aceitável para conferir à mulher valor social. Em ambas as autorias assistimos à reprodução da crença no amor romântico, elevando a instituição familiar ao patamar de anseio e a aspiração fundamental da mulher.

Há, entretanto, um aspecto em que as produções de autoria feminina avançaram: a despeito de compartilharem o ideal do amor romântico, as personagens d'As Preciosas já não compartilham de sua romantização. O amor entre príncipes e princesas já não retrata um sentimento idealizado entre desconhecidos; não se trata de um amor instantâneo, fruto de um encontro único e inusitado, mas sim de algo que emerge da interação, do convívio e do respeito mútuo. Talvez identifiquemos aqui uma sutil denúncia das autoras francesas ao *modus operandi* dos casamentos arranjados da época.

Não menos relevante é a presença de protagonistas leitoras em contos como *A Bela e a Fera* (Madame Beaumont), *Bela Bela ou o Cavaleiro Afortunado* (D'Aulnoy) e Salsita (Mademoiselle de La Force). Esse detalhe revela muito sobre o contexto histórico da produção desses contos, já que, como mencionado, antes do século XVII, a condição da mulher em relação à leitura era marcada por fortes restrições: a alfabetização era um privilégio raro e o acesso à leitura estava ligado à classe social e aos papéis de gênero rigidamente definidos. Longe de mera casualidade da trama, ao atribuírem essa habilidade às suas protagonistas, As Preciosas transportam para a narrativa a aspiração feminina ao acesso à cultura letrada (uma das suas

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

bandeiras), inscrevendo na ficção um modelo alternativo no qual a inteligência e a astúcia intelectual tornam-se as verdadeiras armas da heroína - o que acaba por subverter as normas de gênero.

Todavia, ainda que tenham forjado uma tradição literária rica, complexa e intrinsecamente subversiva, cujo legado reside em terem transformado o conto de fadas nesse campo de batalha ideológico - e ainda que tenham sido as escritoras mais publicadas na França e mais traduzidas na Europa, exercendo sua influência no romance inglês no século seguinte (DeJean, 2023) - essas autoras foram apagadas da história literária. Suas obras, encobertas pela poeira no baú do tempo, adormeceram silenciadas, enquanto os contos de Perrault ganhavam asas e permaneciam imortalizados em nosso imaginário.

A seção seguinte busca compreender como esse processo de invisibilização foi estrutural, anunciando fatores que contribuíram para esse apagamento que manteve adormecida, por séculos, a outra metade da voz que narra - a metade feminina do conto de fadas -, roubando de todas as gerações seguintes a completude desse hierosgamos literário.

4 Anatomia de uma invisibilização cultural: a marginalização d'As Preciosas na história da literatura

No século XVII, os Salões Literários eram espaços culturais privados, organizados e liderados por mulheres, ocupando um papel de centralidade na cena intelectual da França. Eram arenas onde se debatiam ideias, formava-se a opinião pública letrada e onde o desenvolvimento da influência feminina na escrita literária, em conjunto com as discussões travadas na Querela dos Antigos e Modernos, permitiu que as mulheres fizessem parte do primeiro cânone literário francês, figurando em antologias que, inclusive, destacavam a produção de outras mulheres (Zechlinski, 2015, 2019).

Essa abertura, porém, não foi suficientemente acolhida por aqueles que compactuavam com os ideais defendidos pelos Antigos. Grande parte do segmento dos Antigos associava As Preciosas e o Preciosismo ao puritanismo, ao mau gosto e a outras terminologias que tinham a intenção de desqualificar a escrita feminina - sobretudo porque, longe de praticarem "uma *mímesis*

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

dos escritos greco-latinos e analisá-los" (Zechlinski, 2015, p. 9), suas obras apresentavam uma narrativa "caudalosa, exuberante, fantasista, sem nenhum 'espírito de ordem', nenhuma 'objetividade', nenhum 'racionalismo organizador'" (Coelho, 1985, p. 56-57 *apud* Ribeiro Filho, 2021, p. 2).

Recorrendo a Joan DeJean e Faith Beasley, Zechlinski (2015) explica que, quando o século XVII passou a ser celebrado como o *Grande Século*, pilar fundador da identidade nacional francesa, os intelectuais dos séculos XVIII e XIX reagiram de forma veementemente negativa ao fato de que as mulheres tivessem exercido papel tão significativo neste capítulo da história da França e ocupado um lugar de centralidade na criação literária e em sua arbitragem. Aliados em uma grande força-tarefa cujas raízes se ancoravam em discursos misóginos, empenharam-se em um projeto coletivo para subestimar a participação das mulheres e a importância dos Salões, deslocando o protagonismo feminino da imagem da formação da literatura francesa. Beasley (2006 *apud* Zechlinski, 2015) demonstra como, nesse processo revisionista, as *salonnières* foram sistematicamente reconfiguradas: de críticas literárias e agentes culturais dotadas de ampla autonomia e influência, transformaram-se em meras anfitriãs - papel que, ironicamente, correspondia ao lugar social restrito ocupado pelas mulheres nos Salões Literários do século XVIII.

Quando o cânone foi deslocado dos círculos de sociabilidade letrada (onde funcionava como repertório formativo do gosto e da crítica literária) para vincular-se formalmente às instituições de ensino, deixando assim de figurar na alçada social para passar ao campo educacional, os Antigos encontraram terreno fértil para empreender o silenciamento sistemático das mulheres. Esse apagamento foi ainda mais eficaz porque os Modernos, embora defensores da literatura contemporânea, negligenciaram a tarefa de inserir os romances e contos de fadas - gêneros associados à autoria feminina - nos currículos escolares. Ao abdicarem de garantir a esses gêneros um lugar no ensino oficial, confinaram-nos ao domínio do consumo privado e do entretenimento social, esvaziando seu potencial de legitimação institucional e facilitando sua exclusão da memória cultural canônica.

Este processo não foi um fenômeno isolado, tampouco resultado de uma negligência historiográfica fortuita: esteve circunscrito a um contexto histórico mais amplo e decisivo que acabou por convergir com o cuidadosamente engendrado projeto de invisibilização do legado das *salonnières*. A morte de Luís XIV (1715), que encerrou a hegemonia absoluta da monarquia

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

francesa; o Iluminismo, cujo apogeu e difusão se deu sobretudo entre 1715 e 1789; e a Revolução Francesa (1789), evento que marcou o fim da Idade Moderna e o início da Idade Contemporânea, redefinindo a esfera política e cultural europeia com o declínio da monarquia e da aristocracia - todos esses fatores contribuíram decisivamente não apenas para solapar o ativismo intelectual feminino consolidado no século XVII, mas para esfacelar sistematicamente os pilares sociais e econômicos que sustentavam os Salões Literários.

Projeto intelectual e ideológico da Revolução Francesa, o Iluminismo, enquanto conjunto de ideias, valores e críticas que prepararam o terreno mental para a insurreição (fornecendo a crítica que tornou o Antigo Regime insustentável e os princípios para a construção de um novo regime), mostrava-se alinhado com a necessidade de edificação de uma sociedade baseada em novos ideais. Essa nova ordem social não possuía qualquer interesse em preservar a herança cultural da aristocracia, classe social em declínio com o fim do mundo social, político e econômico que a nutria, e excessivamente ligada à antiga corte. Perseguida, encarcerada, exilada ou literalmente decapitada durante o Período do Terror (1793-1794), a aristocracia foi, enquanto classe social, sistematicamente aniquilada - e, com ela, desapareceu o público patrono que financiava o luxo e o ócio intelectual indispensáveis aos Salões, espaços que exigiam não apenas recursos materiais, mas também tempo disponível para a conversação, o debate estético e a produção literária desinteressada (Schama**,** 1989; Beasley, 1990).

Por outro lado, a burguesia - classe que ascendeu ao poder político e econômico, detentora de uma visão mais pragmática e utilitária da cultura - contribuiu para que a literatura e o debate público migrassem para novas arenas consideradas mais sérias e funcionais, como jornais, cafés, sociedades políticas e clubes. Tais espaços eram mais públicos, masculinos, voltados para a ação política imediata e nem sempre afeitos ao debate estético refinado e à sociabilidade mista que caracterizavam os Salões. Como observa Habermas (2014), os cafés constituíram-se como a antítese lógica dos Salões, sendo abertos a todos, a um passo da rua, enquanto os Salões se tornavam cada vez mais o reduto dos filósofos do Alto Iluminismo. Nesse cenário, o discurso revolucionário emergente buscava valorizar a virtude cívica e a razão, considerando a sofisticação linguística d'As Preciosas como símbolo de frivolidade que refletia a decadência e a desigualdade do Antigo Regime e, portanto, apresentando-se radicalmente incompatível com o universo feérico cultivado pela contística das *salonnières* - um universo povoado por príncipes e princesas, fadas,

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

monstros, bruxas e forças sobrenaturais. A produção cultural foi, assim, realocada para espaços que refletiam os novos valores da burguesia vitoriosa: mais públicos, mais politizados e menos dominados pelo gosto e pelo protagonismo feminino aristocrático.

Mais que um deslocamento geográfico dos centros culturais, a vida intelectual francesa testemunhou uma profunda transformação de sua própria natureza. Os Salões, instituições onde prevalecia uma cultura de conversação, galanteria e refinamento estético (valores que a burguesia em ascensão via como frívolos e improdutivos), passaram a ser vistos como resquícios de um mundo superado, símbolos de uma sociabilidade que precisava ser extinta para que uma nova ordem pudesse consolidar-se (Zechlinski, 2015, 2019). Essa nova ordem, fundada no mérito burguês, na ética do trabalho e em uma moralidade mais rígida e doméstica para as mulheres, tornou os Salões anacrônicos e transformou suas antigas frequentadoras em figuras indesejáveis à memória nacional.

A França assistia à dissolução do mundo social que nutria as *salonnières*. Para o destino d'As Preciosas, o Iluminismo representou uma força ambivalente: se, por um lado, seu ideário de igualdade e emancipação humanas continha, em tese, o germe de uma crítica às hierarquias de gênero, por outro, sua ênfase na razão pública e na utilidade social acabou por deslegitimar as formas de saber e sociabilidade associadas ao universo aristocrático feminino.

Se, no século XVII, os detratores d'As Preciosas recorriam à sátira, à acusação de afetação ou ao apelo ao bom gosto para desqualificar a produção intelectual feminina, no século seguinte a dominação masculina encontrou um novo e poderoso aliado - a ciência emergente. Como elucida Zechlinski (2015, p. 17), "no século XVIII o discurso misógino passou a contar com a ciência, pois a partir daí o controle das mulheres e a manutenção delas no espaço doméstico passou a ser justificado pela sua natureza frágil, comprovada cientificamente". Esta virada epistemológica é também fundamental para compreender a exclusão dessas *salonnières* do cânone: não bastava ridicularizá-las; era necessário provar, com o selo da razão iluminista e da medicina, que a sua própria natureza as destinava ao silêncio e à obediência.

A história literária foi, assim, submetida a uma *higienização retrospectiva*: o que As Preciosas realizaram no século XVII só podia ser reinterpretado como frivolidade, moda passageira ou mera sociabilidade, nunca como exercício legítimo de autoridade intelectual. A autoridade literária feminina não foi simplesmente ignorada: foi cientificamente desautorizada *a*

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

posteriori. Quando a história literária do século XIX se constituiu como disciplina acadêmica e curricular, o fez sobre tal premissa: se as mulheres são, por natureza, incapazes da abstração e do labor intelectual exigidos pela grande literatura, então as obras que produziram não podem ser verdadeiramente grandes. O cânone, pois, não apenas excluiu As Preciosas, mas as tornou inexplicáveis dentro de seus próprios termos.

Ainda que, na virada para o século XVIII, "nenhum outro tipo de ficção [tenha tido] maior impacto no comércio livreiro parisiense e no mercado editorial europeu em geral do que o conto de fadas" (DeJean, 2023, p. 12), As Preciosas e suas obras tornaram-se ignoradas pelos historiadores literários do XIX, responsáveis por operar uma inversão de causalidade: em vez de reconhecer que os grandes autores frequentavam os Salões para serem avaliados e legitimados pelas *salonnières*, a história oficial passou a tratar esses Salões como sinônimos de sociabilidade frívola, onde, como já dissemos, as mulheres eram apenas anfitriãs decorativas. Os gêneros que elas dominavam - o conto de fadas e o romance - foram rebaixados na hierarquia estética neoclássica e considerados menores. O cânone foi higienizado, removendo a influência feminina de sua própria gênese.

Paradoxalmente, portanto, o *Século das Luzes* foi, para As Preciosas, o início de sua longa jornada em um mundo de sombras. Como a *Bela Adormecida* do conto de Perrault (ironia das ironias, pois foi ele quem, afinal, lhes roubou o protagonismo), elas adormeceram silenciadas no bosque espesso do cânone, envoltas não no acaso, mas nos véus tecidos por uma ciência que as declarou frágeis, por uma filosofia que as confinou ao silêncio doméstico e por uma história literária que as reescreveu como meras anfitriãs. Durante mais de um século, suas vozes permaneceram encapsuladas em edições raras que não se reeditavam, em nomes femininos que os manuais escolares sistematicamente omitiam.

Entretanto, transgressoras que foram em vida, transgressoras permaneceram na morte simbólica que lhes impuseram: ao contrário da heroína de Perrault, As Preciosas não foram despertadas por um príncipe, mas por aquelas que a ordem patriarcal jamais previu como agentes da história: outras mulheres. Foram as críticas feministas e historiadoras da cultura que tomaram seus textos esquecidos entre as mãos - mãos eruditas, mãos militantes, mãos que sabiam ler nos arquivos os vestígios de uma injustiça secular. E não as despertaram com um beijo, mas com a potência do método e a teimosia da pergunta recusada - e, ao fazê-lo, não apenas as trouxeram

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

de volta à vida: trouxeram-nas para o nosso século, onde já não se contentam em ocupar o lugar que lhes foi negado. O feitiço, afinal, não era eterno. Era apenas espera.

Considerações finais

Este estudo buscou compreender o contexto histórico-cultural que, no século XVII, possibilitou a emergência d'As Preciosas como protagonistas de um movimento literário seminal: a transposição dos contos de fadas da tradição oral para a linguagem escrita e a consequente constituição do gênero tal como o conhecemos. Investigamos, para tanto, o solo fértil dos Salões Literários - espaços ímpares de sociabilidade intelectual onde mulheres da nobreza exerciam a crítica e arbitravam o gosto, tomando para si a tarefa de fixar pela escrita as narrativas maravilhosas que até então circulavam apenas pela voz. Foi nesse ambiente, a um só tempo aristocrático e subversivo, que Madame D'Aulnoy, Mademoiselle L'Héritier, a Condessa de Murat, Charlotte-Rose de La Force e tantas outras escritoras francesas deram forma literária aos contos de fadas, inaugurando uma tradição que, ironicamente, teria seu protagonismo feminino posteriormente eclipsado pelos mesmos autores que dela se alimentaram - fenômeno ao qual também nos debruçamos neste estudo.

A partir da segunda metade do século XX, contudo, o longo silêncio que envolvia As Preciosas começou a ser rompido. O advento da Crítica Literária feminista e da História das Mulheres operou uma virada epistemológica decisiva na historiografia literária. Estudiosas como a norte-americana Joan DeJean e a britânica Faith Beasley emergiram como figuras centrais nesse movimento revisionista, empreendendo uma arqueologia minuciosa dos arquivos literários setecentistas e demonstrando, com evidências documentais irrefutáveis, que as *salonnières* não foram meras anfitriãs decorativas, mas sim agentes culturais centrais na formação do cânone francês e na própria invenção do romance moderno. Seus trabalhos não apenas recuperaram nomes e obras soterrados pelo revisionismo oitocentista, mas expuseram os mecanismos ideológicos - a confluência entre o discurso científico misógino e o projeto pedagógico nacionalista - que haviam deliberadamente obliterado a autoria feminina da memória cultural francesa. Como observa Beasley (2006 *apud* Zechlinski, 2015), o que a França *esqueceu* - ou, mais precisamente,

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

foi ensinada a esquecer - foi o papel essencial das mulheres na formação de sua literatura, num processo deliberado de reescrita do passado para garantir que o cânone não carregasse a marca da influência feminina.

Nesse sentido, o que vimos testemunhando no presente é mais do que uma mera correção de lacuna bibliográfica: é um movimento consistente de justiça epistêmica que aponta para a necessária realocação d'As Preciosas no cânone ocidental. Não se trata, porém, de uma inclusão benevolente em uma tradição alheia, mas do reconhecimento de um lugar que foi usurpado por mecanismos seculares de dominação que, como demonstrou Bourdieu (2003), só se sustentaram enquanto puderam se fazer passar por ordem natural. A redescoberta d'As Preciosas não é, pois, um gesto de piedade historiográfica: antes, é um ato de restituição. Ao reinscrevê-las na História da Literatura, a Crítica Feminista não está simplesmente adicionando nomes a uma lista preexistente: está reescrevendo os próprios termos segundo os quais a *grande literatura* é definida, desafiando o círculo vicioso que durante séculos fez da ausência feminina a prova de sua incapacidade. Nesse sentido, a recuperação do legado das *salonnières* aponta para um horizonte mais ambicioso: o de uma historiografia literária finalmente desvencilhada dos pressupostos androcêntricos que a fundaram, e na qual as vozes que deram tom e substância à cultura do século XVII possam, enfim, ocupar o centro do palco - de onde jamais deveriam ter sido removidas.

Importa assinalar, ainda, que o protagonismo exercido pelas Preciosas não se manifestava apenas em suas trajetórias pessoais, mas, sobretudo, nas personagens femininas que povoam suas narrativas - heroínas que subvertiam, já no século XVII, os ideais de feminino cultivados pela cultura androcêntrica dominante. Esse protagonismo ficcional, contudo, não pode ser confundido com as concepções contemporâneas de agência feminina, forjadas após a consolidação do movimento feminista como pauta política organizada. É certo que alguns aspectos que poderiam, à época, ter um certo tom subversivo, hoje, já não o representam da mesma forma. E não poderia ser diferente, dada a estrutura social do Antigo Regime. Contudo, se as princesas dos contos contemporâneos buscam um equilíbrio entre sua individualidade já conquistada e a tentativa de revisitar alguns valores tradicionais, demonstrando conhecer quem são e quais são seus objetivos, e buscando relações de cumplicidade em que o amor verdadeiro nem sempre é o amor romântico, as heroínas d'As Preciosas já anunciavam, em seu tempo, esse

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

movimento. Às suas personagens, não se exigia a passividade e a submissão cultivadas por Perrault: elas leem, pensam, agem e não dependem de heróis que as salvem. Há, portanto, um protofeminismo emergente em seus textos - ainda que tímido, em conformidade com as possibilidades de seu tempo - mas suficientemente subversivo para *justificar* o apagamento que sofreram.

Na contemporaneidade, tornou-se lugar-comum a crítica aos contos de fadas por veicularem valores de submissão e passividade feminina. O que este estudo evidenciou, contudo, é que tal posicionamento - justo quando dirigido à tradição dominante - padece de uma grave falta de clareza epistemológica: ele toma a parte pelo todo, confundindo a estilização operada por autores como Perrault, os Irmãos Grimm e seus epígonos com a totalidade do gênero. Desconhece, assim, a gênese dos contos de fadas transliterados para a escrita e a participação fundamental d'As Preciosas em sua criação. Como observa Warner (1999), as narradoras de histórias eram frequentemente mulheres - ou o foram até que homens como Perrault e os Irmãos Grimm começassem a escrever as histórias das mulheres. O protagonismo feminino presente nos contos populares de tradição oral foi, assim, sistematicamente eclipsado pela estilização dos contos folclóricos nas mãos dos autores que o cânone consagrou - mas nem sempre nos textos d'As Preciosas, que preservaram, em sua escrita, certa potência transgressora de suas heroínas. É preciso, portanto, recolocar essa discussão em seu devido lugar: a representação feminina passiva e submissa nos contos de fadas não pode ser generalizada a todo o gênero; aplica-se, sobretudo, aos contos estilizados pelas mãos dos homens que cultivaram um ideal de mulher forjado nos moldes da dominação masculina.

Para concluir, é preciso reconhecer que a própria designação *As Preciosas*, ao mesmo tempo que nomeia e agrupa essas escritoras, pode ter contribuído para o apagamento de suas identidades individuais. Conforme Ventura e Leslie (2019), suas histórias pessoais - muitas vezes atribuladas e repletas de acontecimentos - ficaram escondidas sob a identidade coletiva do grupo, o que acabou por desvalorizá-las, obscurecendo a singularidade de cada trajetória e de cada obra. Se, por muito tempo, quase todos os seus contos foram esquecidos - e com eles, seus nomes e a história de suas vidas -, o movimento de recuperação aqui documentado permite-nos, agora, um gesto de reparação. Afinal, se seus contos de fadas foram, por séculos, esses nossos desconhecidos - velados pelo cânone, esquecidos pela história -, que este estudo possa contribuir

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

para descortinar esse véu, restituindo a essas vozes o lugar de protagonismo que sempre lhes pertenceu.

CRediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: A autora certifica que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: **ANJOS, Dulciene Amparo dos.** Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

BERNDT, André de Menezes. *(Re)escrituras feéricas*: tradução comentada de dois contos de Mademoiselle de La Force. 2021. 194 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

BEASLEY, Faith . *Revising Memory: Women's Fiction and Memoirs in Seventeenth-Century France***.** New Brunswick: Rutgers University Press, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DEJEAN, Joan. Madame D'Aulnoy e a Criação do Conto de Fadas Francês. Prefácio. In: Contos de Fadas *de Madame D'Aulnoy*. Tradução de Paulo César Ribeiro Filho. São Paulo: Teoria das Fadas, 2023. v. 1.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública:* investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Denilson Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARTINS, Maria Cristina. *(Re)escrituras*: gênero e o revisionismo contemporâneo dos contos de fadas. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

PASSOS, Franceilton A. *A metamorfose nos contos de fadas de Madame D'Aulnoy*. 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

ISSN: 2317-2347 – v. 15, n. 1 – e7419 (2026)
Todo o conteúdo da RLR está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RIBEIRO FILHO, Paulo César. *Marie-Catherine D'Aulnoy*: a precursora de um gênero literário. Revista Água Viva, São Paulo, v. 6, n. 2, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHAMA, Simon. *Cidadãos: Uma Crônica da Revolução Francesa*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TEDESCHI, Losandro A. *História das mulheres e das relações de gênero*: um percurso historiográfico. Dourados: Editora UFGD, 2016.

VENTURA, Susana; LESLIE, Cássia (org.). *Na companhia da Bela*: contos de fadas dos séculos XVII e XVIII. Londrina: Florear Livros, 2019.

WARNER, Marina. *Da Fera à Loira*: sobre contos de fadas e seus narradores. Tradução de Thelma Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZECHLINSKI, Beatriz P. Escritoras e cultura literária na França, no século XVII: questões sobre o cânone. *Fênix* – Revista de História e Estudos Culturais, Uberlândia, v. 12, n. 2, 2015.

ZECHLINSKI, Beatriz P. Produção literária e sociabilidades letradas nos salões franceses do século XVII. In: Andréa Doré; Luiz Carlos Ribeiro. (Org.). *O que é sociabilidade?* São Paulo: Intermeios, 2019, p. 89-102.

ZIPES, Jack. *Os Contos de Fadas e a Arte da Subversão*. O gênero clássico para crianças e o processo civilizador. Tradução de Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023.

ZIPES, Jack (ed.). *The Great Fairy Tale Tradition*. New York: Norton, 2001.

ZIPES, Jack. *The Irresistible Fairy Tale*: the cultural and social history of a genre. Princeton: Princeton University Press, 2012.